

31 JUL 1998

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

depois do presidencial A carroça atrás do boi

A reafirmação da profissão de fé parlamentarista feita ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso no encerramento dos debates com os candidatos presidenciais, promovidos pela Ordem dos Advogados de Brasília, não significa a ressurreição do tema. A abordagem do presidente – que aconteceu quando lhe perguntaram se continuava parlamentarista – teve justamente o objetivo contrário: o de encerrar a discussão nesse momento.

Ele não tirou o assunto da pauta da história política futura do Brasil, mas buscou nitidamente desautorizar qualquer debate que inclua a mudança do sistema de governo como uma de suas prioridades. Fez como se empacotasse a questão e a guardasse congelada até o momento propício. E com tanta clareza que qualquer interpretação diferente só pode ser creditada ao reino da fantasia. Ou a surtos de surdez temporária.

Disse que não se pode pensar em parlamentarismo sem antes mudar todo o sistema eleitoral e partidário brasileiro, justamente porque a forma de governo que considera ideal pressupõe a existência de partidos fortes. E, sem eles, a discussão a respeito é um falso debate, provavelmente fadado ao fracasso. Ou seja, as reformas são os bois e o parlamentarismo a carroça, não adianta colocar o que vem atrás adiante do que precede a lógica. Perdem-se tempo e saliva.

É óbvio que a partir dessa declaração está autorizada a conclusão de que, ao se preocupar tanto em mudar as bases das relações entre eleitores e eleitos, o presidente defende também a preparação do país para uma luta futura pelo parlamentarismo.

Talvez até, como se diz, para a próxima renovação presidencial, em 2002. Mas o que incomoda ao esquema oficial é a apresentação do tema desde já nos termos em que os mais afoitos parlamentaristas o apresentam. Pelo simples fato de que, se for assim, caso seja eleito como parece, Fernando Henrique terá seu segundo mandato desde já tomado pelo debate do parlamentarismo.

Assunto que, além de dividir as forças políticas que o apóiam, divide a sociedade que há cinco anos manifestou-se favoravelmente ao presidencialismo e ainda cria a impressão de que ao presidente interessa única e exclusivamente descobrir formas de se perpetuar no poder. Se estiver, evidentemente não querará que as pessoas concluam que está.

Além do que patrocinar um debate sobre mudança de governo agora seria correr o risco de sofrer desgastes semelhantes aos que resultaram de um longo período a se discutir única e exclusivamente a reeleição.